

Editorial: Transições - cenários e perspectivas

*Marliane Azevedo
Samia Nascimento Sulaiman
Rute Alves de Souza*



Este número da Cadernos de Estágio se apresenta como uma produção coletiva atravessada por um novo período em nosso país, marcado por uma transição de governo, de representações e de anseios. Atrelado a isso, o contexto pandêmico e tudo que ele produziu em nossas vidas ainda se fará muito presente nos discursos de alunos e alunas em formação nos seus respectivos estágios. Ao mesmo tempo que começamos um novo período escolar cheios de esperança e que acreditamos que seguirá uma normalidade mais próxima daquela construída até o final de 2019. Somos convidados a refletir sobre as realidades construídas e materializadas nos mais variados gêneros discursivos apresentados aqui por nossos autores e autoras. Suas produções oscilam entre visões, reflexões, críticas sobre os cenários e os fazeres pedagógicos circunscritos em realidades bem distintas: de escolas públicas estaduais ou municipais a institutos federais.

Com isso o leitor encontrará nas mais variadas produções um olhar exotópico de quem retorna agora ao espaço escolar da educação básica com outra função: anteriormente estudante, hoje professor em construção. Deste fato, decorre a riqueza presente na diversidade de olhares para um mesmo objeto - o fazer docente – os contrapontos apresentados e as conclusões encerradas naquele tempo-espaço de atuação ou observação.

A edição abre com dois poemas cujo lirismo de um ser em (trans)formação nos leva ao desabrochar docente de um eu lírico-estagiário que enxerga a sua trajetória e reconhece a sua função de educar como também seu lugar de fazer-se educador, nem só de alegrias, nem só de tristezas. Conseguir enxergar a realidade por outro ângulo é um crescimento no processo de formação. O dia a dia do professor é abarcado por muitos nuances desconhecidos até o estudante /estagiário ocupar esse lugar por um determinado tempo.

O educar-se e formar-se nesse processo é um desafio ainda maior no momento crítico em que vivemos de pandemia, perdas, isolamento, ensino remoto emergencial, e cujas cicatrizes serão persistentes na vida de cada um, de formas distintas, e que ganham forma em três crônicas que traduzem vivências e questionamentos, as situações-reflexões que brotam do chão da escola. Ora cheias de esperança, ora muito desalentadoras. Em Professor-chefe ou professor maestro? somos convidados a pensar que posição queremos ocupar e para além das atribuições diárias de cada professor-supervisor, pensar numa estrutura talvez mais representativa – o Estado. Que ações têm sido construídas ao longo dos anos para que o ambiente escolar não seja apenas um espaço de sobrevivência (falta recursos, profissionais das mais diversas áreas, tempo de qualidade para se pensar o fazer pedagógico diariamente, políticas voltadas para professores e alunos). Em Eles não têm

mais 14 anos e Evidências de um amanhã somos instigados a pensar sobre o quanto a escola ainda é um espaço de sonhos, esperança. Revisitar as memórias e retornar ao lugar de origem talvez seja o caminho de muitos professores em formação quando a escola deixa marcas positivas.

Do simples olhar à reflexão e autoavaliação sobre o educar. Assim somos encaminhados pelos onze (11) relatos de estágios. Navegamos junto com estagiários e estagiárias que nos revelam a realidade dos alunos e alunas da educação básica, dos/as profissionais envolvido/as, do dia a dia do professor e professora na sala de aula dando-nos o cenário da escola e da educação básica hoje e as perspectivas do que poderemos (e precisaremos fazer para) ter no futuro próximo. As narrativas lançam luz sobre as experiências do estágio na (auto)formação docente com memórias, comparações e reflexões sobre o ser-fazer-se professor/a, sobre temas e situações específicas dos processos de ensino-aprendizagem que tornam o estágio um espaço-tempo de ensino e pesquisa, e sobre questões gerais que permeiam o campo da educação envolvendo tanto a licenciatura quanto a realidade profissional do educador e da educadora.

Essas questões são ainda mais debatidas nos três (3) artigos que também compõem esse número. Necessidades educacionais especiais e as estratégias didáticas mais adequadas para o ensino-aprendizagem, o papel do estágio na formação docente e as etapas da educação básica no contexto do ensino remoto foram abordados de forma crítica e realista colocando para nós como a escrita é formativa para quem escreve (aquele/a que realizou o estágio) mas também para nós, público leitor, a quem esta revista se dirige fortalecendo seu papel científico e educativo.

É ainda relevante ressaltar que unindo os relatos aos artigos temos quinze (15) produções que apresentam vivências e reflexões em espaços diferentes em vários aspectos e mesmo assim percebemos que muitas temáticas são pouco mencionadas, tais como – saúde mental e alunos com necessidades educacionais especiais - ou inexistentes como é o caso da temática das relações étnico-raciais. O que será que se pode inferir: ausências dessas demandas nos espaços em questão ou uma lacuna mesmo na oferta de formação continuada a professores, coordenadores e gestores? Enfim, a escola é esse espaço múltiplo e diverso que merece toda a nossa atenção e amorosidade. Cabe menos julgamentos e mais parcerias, projetos colaborativos e toda e qualquer ação em prol da comunidade escolar. Segundo a intelectual negra Luana Tolentino devemos acreditar que outra educação é possível e é nosso dever trazer à tona em nossos espaços escolares as temáticas do antir-

racismo, do feminismo e da inclusão, principalmente nos dias atuais, quase pós pandemia.

Este número se encerra com uma Carta Aberta que, diante do cenário educacional com enormes desafios vivenciados pela pandemia e pelo ensino remoto — e que agora materializam e acentuam defasagens e dificuldades cognitivas e emocionais de alunos/as e professores/as — faz um apelo para que se resista. Ela nos comunica e reforça o papel da professora e do professor para construir uma escola melhor, uma educação melhor, uma sociedade melhor. Assim, esperamos que os textos deste número possam nos provocar a construir novos cenários e perspectivas para a educação pública de qualidade. E quem sabe transformar nossas salas de aulas em “comunidades de aprendizado entusiasmadas” (HOOKS, 2013, p.19).

Referências

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SANTOS, Luana Tolentino. Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.